

# O HERALDO

Editor, **JOSE MARIA DOS SANTOS**

**ANTIGO "JORNAL DE ANUNCIOS"**

Composição e Impressão, **TYPOGRAPHIA BUROCRATICA**

## GOVERNADOR CIVIL

A' hora em que começamos a escrever este artigo nada ainda se sabe de positivo sobre a escolha do chefe administrativo para esta provincia. Sabe-se, no entanto, que a lucta entre os dois marechae da politica progressista no Algarve tem sido terrivel, confirmando-se assim aquella firme e inquebrantavel solidariedade tantas vezes apregoadada e repetida na imprensa officiosa do partido.

Verdade é que a maior parte dos nossos comprovicianos escuta com indifferença estas desharmonias politicas, mas verdade tam bem é dizer-se que a quasi todos aguçã a curiosidade de saber o nome do seu novo chefe na administração da provincia. D'ahi a anciedade em que os tem posto a duvida de ha dias, passando-se uns após outros sem uma noticia resoluta.

Nós continuaremos na nossa affirmacão: o governador civil do Algarve ha de ser o sr. Frederico Ramires. Qualquer outra que seja a resoluçã do partido dos Passos não conseguirá no Algarve a excellente acceptaçã que pôde ter essa escolha, visto que o sr. Frederico Ramires, sem ser um modelar exemplo de politico indefectivel, é ainda assim o progressista algarvio que mais empenhadamente tem advogado os interesses da sua provincia.

Pouco ou quasi nada deve esta região do sul aos progressistas e isto porque uma questã de accaoso faz estar nos partidos contrarios os homens que mais dedicadamente se interessam pelos seus beneficos, mas o certo é que dos deputados progressistas que o Algarve ultimamente tem mandado ao parlamento, o sr. Frederico Ramires tem sido dos que mais se tem preocupado com os interesses e beneficos da região e o progressista algarvio que mais leal e exforçadamente tem trabalhado para o seu partido.

Assim como temos sido dos primeiros a accusar o sr. Ramires nos seus erros de politico, rasgando-lhe muita vez a pleura de interesse geral com que desejou envolver assumptos de mera conveniencia particular, tambem queremos ser dos primeiros a fazer justica ás qualidades que presentemente o impõem para o logar de governador civil do districto.

Falla-se no sr. Seabra de Lacerda, o homem que na ultima situacão progressista foi o dirigente dos destinos politicos algarvios. Que lhe devemos? Nada. Que circulo politico dispõe? Nenhum. Vindo para aqui com o pregão de grandes cometimentos, nada mais fez que esphacelar o grupo progressista com a sua politica ambigua e bi-partida e accusar de republicanas as camaras que por occasião da viagem regia não quizeram aceitar a esmola das suas benesses. Alem do que os algarvios, muitos dos seus patricios, não se

acommodam muito á administração de extranhos quando, dentro da sua provincia, sabe ter homens competentes e dignos, mesmo para os mais altos cargos.

Tinhamos isto escripto quando um telegramma do nosso sollicito correspondente na capital nos confirma a previsã: foi nomeado governador civil do Algarve o sr. Frederico Ramires.

O sr. Ramires deve chegar a Faro amanhã de manhã, tomando logo posse do seu novo logar. Os seus correlegionarios preparam-lhe uma ruidosa manifestaçã.

**O HERALDO é o jornal algarvio mais barato e de maior circulaçã.**

### DR. JOSÉ FRANCISCO TEIXEIRA D'AZEVEDO

Desde ha muito que uma das mais insistentes pretencões dos povos das freguezias de Santo Estevão e Santa Catharina, região de accentuado valor agricola, consistia na obtencão do correio diario, correspondendo-se assim ao notavel desenvolvimento que estas duas importantes freguezias ruraes tem accusado n'estes ultimos annos.

Conhecedores da boa vontade e empenhado auxilio que o muito digno deputado por este circulo, sr. dr. José Teixeira d'Azevedo, põe sempre em todos os pedidos de melhoramentos locais, dirigiram se alguns dos principaes proprietarios das duas freguezias áquelle dedicado politico sollicitando-lhe a sua valiosa cooperacão para o estabelecimento de correio diario para a sede das referidas freguezias. Do melhor grado prometeu o dr. José Teixeira d'Azevedo patrocinar tão justo pedido e com tal sollicitude o fez que logo mereceu a attentão do sr. ministro das obras publicas, achando-se já aberto concurso para a conducção diaria do correio.

Mesmo nas occasiões mais pezarosas da politica, quando a maioria dos seus partidarios mais pensa de si que dos interesses geraes, o dr. José Teixeira d'Azevedo não esquece a terra que representa nos dominios da alta politica e consegue os mais indispensaveis melhoramentos, muitas vezes arrancados á custa de sacrificios que só podem ser avaliados por quem de perto conhece os obstaculos, os estorvos e a má vontade que hora a hora surgem nas repartições ministeriaes de encontro á mais pequenina pretensã, ainda por muito justa que seja.

Com o estabelecimento do correio diario as freguezias de Santo Estevão e Santa Catharina conseguiram um dos seus mais ardentes desejos e sabemos que em ambas ellas se preparam manifestações de agrado ao deputado que tão sollicitamente o conseguiu.

## EXPEDIENTE

Aos assignantes das localidades onde a cobrança não pode ser feita por intermedio das estações postaes, pedimos para que nos enviem em valle do correio a importancia das suas assignaturas.

## Poetas

### Carta a uma brasileira

Tu amaras alguém no teu paiz; um dia  
Disseste-m'o. Era á tarde; ao longe o sol morria  
Sobre o mar, que saltava ao cimo dos escolhos...  
Agarrei-te nas mãos e procurei-te os olhos;  
Era verdade, Julia? e na negra anciedade  
Dos teus olhos eu vi que era tudo verdade.  
Amaras outro e esse outro amara-te, por certo;  
E tão perto de ti como então era perto  
De morrer— e eu sinto a morte de o lembrar!

Sobre o teu seio, então, cabi a salucar.  
Pertenceras-lhe, sim! a tua carne fora  
Beijada d'outra bocca e gasta n'outra hora...  
Essa mão com que tu me afagaras havia  
De ter levado alguém ao amor, á alegria.  
Ao extasio, ao ceu, a tudo qu'eu não tinha  
Nem podia sonhar pois já não eras minha.

Desvairada p'la dor, que a tudo nos impelle,  
Confessas-te-me tudo: entregaras-te a elle,  
As casar com elle... — E o teu formoso olhar,  
Tinha uma onda de choro a accrescentar ao mar—  
Estendeste-me a mão; não t'a apertei, fugi...  
O que ia ser de mim, o que ia ser de ti?!  
Olhei p'ra o ceu e vi uma estrella sosinha...

Por um dia de sol, depois, tu foste minha.

Não tenho outra fraqueza igual na minha vida,  
Nem eu sei como foi que te aceitei assim:  
Pude juntar-te a mim sabendo-te perdida!...  
Deus não estava n'essa hora ao pé de mim!

Quando eu daria por não ter hoje esse lodo,  
Que me ficou p'ra sempre ao coração collado;  
Quando me entregue a alguém não posso dar-me todo  
Nem tudo que ha em mim merece ser amado.

Eu sabia que tu não eras pura e ri-me,  
Que não devias amar-te e ami-te loucamente,  
Não sou capaz de nada e fui capaz d'um crime!  
Quando não fosse bom que fosse intelligente!

Mas não, tudo esqueci; bastou que tu chorasses,  
Que na tua dor a voz se tonasse rouca,  
E que, ao recolher-te as lagrimas das faces,  
Um beijo me chamasse o sangue todo á bocca.

Quando me vi depois ao pé de ti deitado,  
O meu braço vincando a tua carne linda,  
Eu não tinha a impressã do que havia passado,  
E julgava que nunca eu te tivera ainda!

Fôra um sonhol Mas não; o teu fado rasgado,  
O teu negro cabelo immenso, descomposto,  
Tudo accusava o beijo onde eu tinha arrastado  
A minha alma e encontrado, ao fim, todo o desgosto.

Morriam n'uma jarra as derradeiras rosas,  
Rebrilhavam no ceu as prim iras estrellas,  
E as estrellas do ceu pareciam desgostosas,  
Olhando as rosas eu via-me indigno d'ellas.

Veio, por fim, o luar encher a casa toda;  
Desprandi minha mão do aperto da tua;  
Levantei-me e fugi... Andava tudo á roda!  
Cá fóra puz-me a olhar como um louco p'ra a lua,  
A bocca ensanguentada, a alma ensanguentada...

Eu era como os mais, tambem não era nada.

Que nunca saibas, Julia, o qu'eu soffri então;  
Era a minha vontade, era o meu coração,  
E todo o meu passado e tudo o que se chora,  
Que eu perdiera n'um beijo e mentira n'uma hora!

Tenho barro demais; á hora d'expirar  
Eu pedirei a Deus p'ra não me abandonar;  
Quando o Anjo trouxer o meu calix, ao fim,  
Eu procurarei ver se elle passa de mim...  
Quando eu não soube ao pé do teu corpo divino  
Cuspir-lhe o porque eu sou talvez um assassino;  
Quando uma alma se ampara á tua alma e ama,  
E' que o corpo de ha muito a junta a sua lama!  
E eu aceitei-te e eu quizei-te e fui sincero e amante.  
Depois d'isto nem eu vi nada p'ra deante...  
E p'ra que recordar agora, Julia minha,  
Esses dias d'amor em que a minha alma tinha  
A tua bocca em tudo, o teu amor em tudo!...  
P'ra o que não levã a Deus o labio é sempre mudol...

Más amei-te e Deus sabe o amor com que te quize!  
Fiz-te feliz? Não sei nem sei se fui feliz!...

Eu sei que erguia a mão e que chegava ao ceu,  
Que desejava tudo e que tudo era meu...  
Ouvia-te fallar? ouvia uma sereia!...  
Eu via uma mulher? achava-a sempre feia.  
O sol tombava e eu qu'ria jornal-o a vêr?  
Era encontrar-te e olhar pois era am'nhecer!  
O crepusculo dava á alma uma amargura?  
Um sorriso dos teus enchia-o de docura!  
Era pequena a vida? este mundo era estreito?  
Eu olhava p'ra o ceu, justava-lhe o teu leito.  
A briza não trazia um suspiro? Deixal-o!  
Era apertei-te ao peito e, em seguida, escutal-o.

Passei depois a minha vida toda a amar!

Qu'ria esquecer, qu'ria ser bom, qu'ria lavar  
Do coração a noçoa immensa d'esse amor...  
Inutil! Era em vão que tentava apagal-a  
Tudo a accusava, o meu olhar, a minha fallia,  
O beijo que hesitava, em meus labios suspenso,  
A caricia onde eu punha a medo o que ha d'immenso...  
Nenhum amor trazia á minha amarga vida  
Balsamo que fechasse essa terrivel f'rida!  
Nem os olhos e a voz dulcissima d'Emilia,  
Cuja sombra inda vejo, em noites de vigilia,

Como vinda do ceu e por seu intermedio,  
A perguntar-me baixo — O mal não tem remedio?  
E nem o corpo de Virginia, de que qu'ria  
Encher do neve a terra e o mundo d'harmonia!...  
Nem os sonhos d'Estor, infantis, onde eu vejo  
Debruchar-se p'ra mim o seu primeiro beijo!...  
Nem o amor das mais, sua doce presença  
Me dissipou da alma a triste noite immensa,  
Que m'envolvera o qu'eu havia de trazer  
Até este papel, p'ra ella o ennegrecer.

Fôras d'um só talvez; mas o que é qu'isso tem?  
Ser d'um e depois d'outro é não ser de ninguém.  
E eu era tão bondoso ou tinha dentro em mim  
Tal desejo de o ser que essa paixão ruim  
Punha na minha alma um desgosto profundo.  
Achava tolos bons, achava lindo o mundo...  
Nos olhos da mulher p'ra que o meu olhar ia,  
Eu via sempre alguma coisa de Maria...  
Impellia-me á vida uma esperança secreta,  
Fazia versos maus e era bem mais poeta.  
Em cada Christo eu recordava os meus ideaes;  
Morreria tambem um dia pelos mais!

Vivia em cada planta, a acompanhar-lhe a flor,  
Braços cheios de força, alma cheia d'amor!...  
Julgava cada estrella um coração a abrir!...  
Christo subira ao ceu? mas tornaria a vir!...

Era eu assim quando vieste ter commigo;  
Foi um pessimo amor e davas um amigo.  
Alguem, que eu só comparo á estrella de manhã,  
Offereceu-me, um dia, um affecto d'irmã.  
Não ha nada que valha essa affeição sereia!  
Eu rejetei-a então e hoje tenho pena.  
Como ella e como tu desfaríamos agora,  
Com uma só p'lavra, a amargura d'esta hora!  
Um desejo esbrazeia o nosso sangue e logo  
A um outro sangue passa essa lingua de fogo?  
— Olhos negros? Azues? Faces brancas? Morenas?  
Pois que a mulher se entregue e a gente aceite apenas  
Mas dar, como eu te dei, toda a minha ternura,  
Tomar por dia claro o que era noite escura,  
Só com sinceridade e nada de perfeito,  
Julgar a tua cama, um instante, o meu leito,  
Per um momento procurar-te n'um altar,  
Sem te dever beijar, sem te dever amar,

Ha ti, que fôras d'outro, e amaras outro, nada  
Ha na vida que mostre uma alma mais chagada.

Se eu tivesse mentido, era menos perverso!  
Não sentia este pus, agora, em cada verso,  
Envenenando-o e envenenando-me á mistura...  
Mas não; aproveitei o resto de docura,  
Que havia n'essa bocca e sorvi-a sequioso;  
Tudo era bem se, ao fim, tudo trouxesse um gosol  
Passei horas olhando os teus olhos a ver  
Como se morre quando a gente quer viver!...  
Dava-te as minhas mãos, esquecia-me d'ellas!  
Era noite? era dia? havia sol ou estrellas?  
Só sabia que tu estavas ao meu lado;  
Havia sol, portanto, e o ceu era estrelado!

GUÉDES TEIXEIRA

### SILVA NOGUEIRA

E' no dia 20 do proximo mez de novembro que deve estar em Tavira, para satisfazer os seus numerosos freguezes, este distincto photographo, ficando assim rectificada uma noticia que demos no nosso penultimo numero e onde, por descuido de revisã, se annunciava para 15 d'outubro a chegada d'este nosso amigo.

Silva Nogueira continua a aperfeiçoar-se nas mais recentes manifestações da sua arte, tendo o seu atelier em Lisboa, na rua de D. Pedro V, 18 e 20.

### CASAS DE DETENÇÃO E CORRECÇÃO

A Bibliotheca Popular de Legislaçã, com séde na rua de S. Maméde, 107, ao largo do Caldas, acaba de editar os Regulamentos das Casas de Detencão e Correcção de—Lisboa, Porto, e de Villa Fernando, seguidos de diversa legislaçã judicial, e fiscal, sendo o seu custo 200 r'is.

Tem já no prelo segunda edição do Regulamento da Contribuçã Industrial (16 de julho de 1896). Como d'esta edição se não faz expediçã avulsamente, acceptem se deide já pedidos; o seu preço, franco de porte, é de 250 réis.

## A MORTE DE ROSINHA

Minha amiguinha adorada.—  
Hontem á noite, enquanto a tua mamam bordava á luz do candieiro uma touca de inverno para ti, e teu pae fazia paciencias, sentado com dois dos seus amigos ao canto em que está a mesa do jogo por baixo da étagére dos livros bonitos, tinhas-te encostado tu ao braço da minha poltrona, e ali, ao pé do fogão, depois de termos estado a ver todas as figuras da Illustraçã Françeza, pediste-me que te contasse uma historia.

—Mas uma historia verdadeira! accrescentaste, sacudindo para traz os cabellos e pondo em mim os teus olhos, serios como quando me ralhas e me sacodes, por eu ficar ás vezes pensativo e calado a olhar para as faúlhas que deita o lume.—Quero uma historia triste. As historias que fazem rir são petas. Has de-me contar um conto que me obrigue a scismar como as pessoas crescidas quando principiam a dizer os casos que lhes succederam.

Foi assim que me fallaste, e eu prometti-te de baixo da minha palavra de honra que me lembraria hoje da historia que tu querias.

Aqui a trago escripta n'este papel. Quero regalar-me de t'a ouvir ler com a engraçada pronunciacão dos teus oito annos. Quando as pessoas grandes lêem o que eu escrevo, sorrio por fóra, mas não imaginas como estou por dentro de encanizacão e de birra! Se nunca lhe fazem as pausas nem lhe dão as intencões que eu tinha!... Quando tu lêes, então, sim. Quando tu me gaguejas, me syllabas, e até (aqui para nós) me soietras de quando em quando, com a tua voz alegre, vibrante e fina, figura-se-me ouvir chilrear uma rovoada de passarinhos, que me dão bicadas no pensamento e me esvoaçam com elle pelos ceus.

Rosinha, a dama da minha historia, tinha sete annos. Era loira como tu, e tinha os olhos ainda maiores e mais azues. Aquella parte do ceu que todas as creanças teem dentro das cabecinhas, e que lhes desafoga no sorriso e no olhar, sabia-lhe a ella unicamente pelos olhos, porque Rosinha, a bem dizer, nunca ria. Vê lá se seriam grandes ou não os olhos d'uma pequenita assim!

Era magra, tinha os braços finos e as mãos afiladas e descarnadas como as d'uma senhora em ponto muito pequeno. Chegavam a metter respeito, apezar da sua pequenez, pelo que eram de palidas e pelas veias azues que se lhe viam quando ella as cruzava no peito como a santa de um altar para conter a fadiga ou a tosse que a suffocava ao mais leve esforço. Era meiga como um cordeirinho sem mãe que a gente crie por caridade com o leite do seu almoço, e tão acaada quanto pôde sel-o uma camelia quando acaba de se colher com o orvalho em cima.

Passava horas e horas com a face no seio de sua mãe, beijando a longa e docemente na bocca e nos olhos, e bricando lhe devagarinho com alguma madeixa do cabelo, com as medalhas do bracelete ou com as rendas da camisa, que se lhe viam no peito por dentro do decote. Era tão socegada que nas sextas feiras á noite os folhos do seu vestido de cassa estavam ainda tão frescos e tão perfumados como no momento em que o vestira na quinta feira de manhã!

—Tão boa d'alma e tão fraqui-

na de corpo, é do céu esta menina, diziam os pobres da aldeia beijando-lhe as mãos quando ella, ao sahir da missa, distribuia por elles os dinheirinhos que lhe tinham dado. Os medicos recomendavam sempre que a animassem muito e a livrassem de commoções violentas.

Uma noite estavam juntas em uma sala que fitava rente com o jardim. Era tarde, todos se tinham recolhido, só elles seroavam e não tinham somno, a mãe porque a estava contemplando, ella porque dormira por algum tempo n'um sophá. Senão quando, truz! truz! bate-se por fóra da janella que deitava para o parque. A mãe estremeceu. Rosinha abraçou se n'ella com o coração a bater lhe como o d'um canario que de repente se sente agarrado no poleiro, e fechando na mão da sua dona.

—Já sei o que é, observou a mãe. E' a vidraça que não ficou fechada e que está batendo nas portas. E levando uma luz para um quarto contiguo disse a Rosinha:

—Fica por um instante aqui para te não constipares, emquanto eu vou fechar a janella.

A menina esperou por um minuto, ou dois, mas parecendo lhe —illusão por certo!—ouvir fallar confidencial e precipitadamente, abriu a porta de subito e entrou outra vez na sala d'onde sahira.

A janella estava aberta e a cortina corrida. A luz do aposento espargia-se para fóra até alumiar as arvores mais proximas.

Enquadrado no caixilho da vidraça estava direito como uma phantasma e envolto n'um manto escuro um vulto que parecia de homem e que ao encarar com Rosinha, recuou dois passos cobrindo o rosto com a capa.

Imagina que susto, Clarice! Ponha cada um o caso em si! Dizem os livros que se não deve acreditar em almas do outro mundo. Eu de mim não acredito, principalmente de noite. Mas a fallar-te a verdade, tenho medo tambem. Tal qual como se acreditasse. Ainda mais talvez! Estou a contar-t'o e estou a tremer. E mais sou homem! Rosinha que era a debilidade e a exaltação nervosa na mais stricta figurinha de menina que se pôde ver, expediu um grito estridente e dilacerante e cahiu como morta.

Voltou a si mas ficou doente, de medo, com febre e com delirio.

Ao cabo de oito dias ninguem podia vel-a sem chorar sobre o seu pequeno leito de faia branca e de setim azul. As palmas das suas mãos escaudavam como ferro quente. Tinha a bocca secca, a respiração arquejante, e os olhos—os seus grandes olhos azues,—desmedidamente dilatados.

Quando a punham de lado e a aconchegavam na roupa, submettendo l'ha no hombro como a tua mamã te faz quando tu vaes dormir, tão delgadinho e exiguo era o seu vulto, que apenas se conhecia que estava gente n'essa caminha rodeada de caricias, de sustos, de hesitações e de esperanças, pelo movimento da respiração e pelo aspecto dos cabellos, cujos anneis se viam espalhados e confundidos com as rendas do travesseiro. Quem lhe beijava a cabeça loira sentia o cheiro acre da febre misturado com esse perfume virginal das cabeças das creanças—perfume com que os paes se inebriam e que se parece com o da plumagem interior de um ninho aquecido pelo ceio amoroso de uma avesinha.

Por mais que lhe fizeram, por maiores que foram os esforços da medicina, por mais ardentes e desesperados que foram os mimos, os cuidados e as orações maternas, Rosinha foi sempre a peor.

Um dia pareceu mais socegada e serena. Estava só com a mãe que a fitava engolindo o pranto e procurando sorrir á sua dôr com o mesmo esforço com que uma pessoa gelada procura espantar o frio fingindo se quente. Rosinha disse-lhe assim:

—Está muito triste mamam, que eu bem lhe conheço nos olhos que tem chorado muito. E tenho-a ouvido tambem a soluçar ahí, aos

pés da minha cama, julgando-me adormecida. Não pense mais em mim. Eu sei que morro, mas que vou para o ceu. Não tenha medo de ficar sózinha. Quando eu lá chegar a cima hei-de pedir ao anjo da minha guarda que me leve a fallar com Deus, e eu mesma lhe farei queixa d'aquelle homem negro que veio de noite metter lhe medo, andando para traz diante de mim como um phantasma, e escondendo os olhos no seu manto preto. Hei de exigir mesmo, em nome da mamam, que elle fique enraizado no parque, immovel no meio das arvores, para que o papá ainda o encontre quando voltar, e com a força que elle tem, lhe descubra o rosto e ralhe com elle. . . Abrace-me agora, mamam, e verá como eu lhe vou dar com um beijo a consolação e a esperança. . .

A mãe ergueu as mãos para um crucifixo que estava pendurado no muro e bradou lhe:

—Deus de misericordia! mata-me aqui! que eu morra já, ou que enlouqueça ao menos!

Faz ideia, Clarice, como seria doloroso ouvir assim a despedida extrema, tão caravel e terna, de uma filhinha que se adora, mas que se adora mais do que tudo na terra e no céu. Verdade seja que se reuniriam pelo amor no outro mundo. . . Não querem dizer que as estrellas cadentes, que a gente vê de noite atravessar o espaço, são as almas dos que se amaram na terra a procurarem se para se incorporarem em uma só luz no firmamento? Não era já um penhor d'essa entrevista celestial o beijo derradeiro que a filha offerencia á mãe? Quando esta porém, se debruçava na cama para o receber, Rosinha tinha a bocca aberta, os braços deslaçados, a cabecinha cahida para traz no travesseiro como um peso de chumbo, e os olhos vidrados, embaciados e immoveis, cravados na figura do anjo pallido e frio de alabastro, por cima de cujas azas abertas pendia o cortinado do leito. Estava morta.

Quando o pae voltou não encontrou no parque o phantasma negro. O jardim estava egualmente só. Não viu ninguem. Nem a filha que lhe saltasse jubilosamente ao pescoço, nem a esposa que o cingisse ao coração. A menina estava já sepultada no seu tumuloso do Alto de S. João onde nós havemos de ir no dia de finados dispôr um canteiro de amores perfeitos em testemunho da nossa saudade e plantar uma roseira em memoria do nome da defuntinha gentil. A mãe tinha trocado o aconchego dos seus aposentos, as arvores do seu parque, as flores do seu jardim, e as alegrias da familia, pela solidão horrorosa de um quarto n'uma casa de alienados.

De hoje em diante, Clarice, quando fizeres a tua oração da noite, resa um padre nosso a mais pelo homem negro. Ninguem sabe quem fosse, mas deve ser grande culpado, a quem Deus difficilmente perdoará, aquelle que esconde o rosto na capa para não vêr as creanças, e para não as beijar!

A commiseração para os criminosos como elle só podem pedir-a os innocentes como tu.

RAMALHO ORTIGÃO.

**Lyceu de Faro**

Por ser insufficiente para o pessoal o edificio onde funciona este estabelecimento de ensino, passou a 1.ª turna da 1.ª classe a funcionar na chamada casa da bomba, junto ao Arco da Villa.

—Continua regendo algumas cadeiras d'este Lyceu o sr. José Ribeiro Castanho.

—Foi nomeado professor do mesmo lyceu o sr. dr. Antonio Gil.

**MERCADO DE GENEROS  
DIA 23 DE OUTUBRO**

Cevada.....	460	14	litros
Centeio .....	500	»	»
Trigo broeiro....	740	»	»
Trigo rijo.....	760	»	»
Favas .....	700	18	»
Milho de regadio.	700	»	»
Milho de sequeiro	680	»	»

**CARTA DE LISBOA**

Foi de extraordinaria actividade politica, como sempre que na rotação constitucional um governo succede a outro, a semana que findou.

Tendo o senhor Hintze Ribeiro julgado necessario entrar em novas negociações para a questão dos tabacos, pediu á corôa o adiamento das côrtes; e tendo el-rei, como era facilimo prevêr, recusado acceder a esse pedido, o governo deu a sua demissão. Nada mais natural nem mais logico.

Desde que se considerou preso ao contracto provisorio e entendia não dever perflhar ou deixar correr outra proposta, o governo só tinha para o incidente a solução de que se serviu, pois um acto de força em contrario, certamente não era sancionado nem pela corôa nem pelo paiz, que tambem tem os seus direitos soberanos.

Mas se foi facil a quéda do ministerio regenerador, outro tanto não succedeu á formação do governo que o está substituindo, em resultado das dissidencias incontestaveis e lamentaveis que lavram no seio do partido progressista—dissidencias essas que passaram já do campo dos boatos e supposições para um manifesto quasi ostensivo.

Na verdade, a situação interna do partido progressista, á data da crise, não era das mais claras e desafogadas. O conselheiro José Luciano de Castro, apesar de combalido pela doença que o retém em casa, não resigna, por patriotismo e dedicação, á chefia suprema. Será um optimo dirigente pelos conselhos com que pôde fortalecer os seus collegas, mas não basta isso para a vida de um partido, que requer á sua frente um batalhador intemerato e incansavel.

Com o conselheiro Francisco Beirão, apontado e tido em melhores tempos como successor incontestado do conselheiro José Luciano, dá-se exactamente o contrario. Quando o seu partido mais precisaria do seu talento e da sua cooperação, afastou-se systematicamente da politica e viaja pelo estrangeiro, deixando assim o seu lugar no parlamento e recusando com intransigencia a pasta que telegraphicamente lhe offerem de cá.

Apto para a direcção activa do partido, parecia indicado então, nas melhores supposições, o conselheiro José de Alpoim, que conta, como talvez nenhum dos seus collegas, largas e dedicadas sympathias em toda a provincia. Mas não é este o preferido para resolver a situação. Chamado pelo rei o chefe do partido progressista, indica este para seu delegado o conselheiro Pereira de Miranda, homem de grande merito e de larga folha de serviços, mas que sempre recusara terminantemente qualquer pasta.

E assim ficou arrumada a situação, depois de varias demarches e hesitações que traduziam bem as difficuldades que era preciso superar para que a paz do espirito santo não abandonasse logo ao principio o novo ministerio. Ficou este então, como se sabe, d'est'arte constituído: presidencia, José Luciano; reino, Pereira de Miranda; justiça, José de Alpoim; obras publicas, Eduardo José Coelho; fazenda, Manuel Affonso Espregueira; estrangeiros, Eduardo Villaça; guerra, Sebastião Telles; marinha, Moreira Junior.

Esta lista não contentou, porém, todos os marechaes do partido que se julgavam com direito a fazer parte do ministerio, o que deu em resultado annunciar-se já o desdobramento das pastas das obras publicas e da marinha para a criação de mais dois ministerios. . . para os descontentes.

Não commentamos a noticia. Fazemos apenas a indicação d'ella.

Todos os membros do novo gabinete, mais ou menos, teem o seu nome feito na politica portugueza.

O presidente do conselho, José Luciano de Castro, foi chamado pela primeira vez aos conselhos da corôa, ha trinta e cinco annos.

Tem cerca de setenta annos, pois nasceu na quinta da Oliveirinha,

mesmo tempo, do cuidado e suburbios de Aveiro, a 24 de dezembro de 1834.

Aos quinze annos incompletos matriculou se na faculdade de direito da Universidade de Coimbra, d'onde saiu em 1853. N'esse mesmo anno foi eleito deputado pelo circulo da Feira e desde então já-mais deixára de ter assento no parlamento. Ao mesmo tempo iniciou a sua carreira de advogado, que só abandonou em 1863, ao ser nomeado director geral dos proprios nacionaes.

Em 1886 foi chamado a occupar pela primeira vez o logar de chefe do gabinete, em virtude da demissão do ministerio presidido por Fontes Pereira de Mello.

O ministro do reino, Antonio Augusto Pereira de Miranda, é um velho progressista que todo o seu partido muito considera.

Deputado em successivas legislaturas, e, presentemente, par do reino, presidente do conselho de administração dos caminhos de ferro do Estado e proveder da Casa da Misericordia de Lisboa, recusou sempre a pasta de ministro, a despeito das sollicitações e instancias dos seus chefes a cada ministerio progressista que se formava.

O conselheiro José de Alpoim é ministro da justiça pela segunda vez. Jornalista vigoroso e orador fluentissimo, occupa no seu partido um logar proeminente.

Antonio Eduardo Villaça, ministro dos estrangeiros, foi ministro da marinha na recomposição ministerial de 1898.

O ministro das obras publicas, Eduardo José Coelho, é um transmontano de rija tempera, austero e consciencioso.

O conselheiro Espregueira occupou já no ministerio de 1898 a pasta de ministro da fazenda, cujos assumptos profundamente conhece.

O par do reino Sebastião Telles foi pela primeira vez ministro da guerra, quando se deu a recomposição ministerial de 1898 e é socio da Academia Real das Sciencias, tendo publicado varias obras muito consideradas entre a classe militar, como sejam «A fortificação dos Estados e a defeza de Portugal», e a «Introdução aos estudos dos conhecimentos militares», sendo tambem collaborador de varios jornaes da especialidade.

O dr. Manuel Antonio Moreira Junior, ministro da marinha, sobe agora pela primeira vez aos conselhos da corôa, como o conselheiro Pereira de Miranda.

E' como medico que mais se tem salientado, apesar de nas camaras se ter revelado tambem n'orador parlamentar de merito, entrando brilhantemente em discussões que mais se prendem com as finanças publicas.

O paiz reclama novos processos de governo e não novos homens, decerto. Por isso não é licito duvidar de que os estadistas que actualmente dirigem o paiz não tenham a coragem intelligente que tão indispensavel é para essa obra de regeneração.

Que o facto de estar gente velha nas cadeiras do poder não impeça a politica portugueza de começar agora vida nova. . . São estes os nossos votos e, segundo cremos, os votos de todo o paiz.

**LIVROS**

A FARÇA

DE

**RAUL BRANDÃO**

(Continuação)

Ha nas sciencias dois metodos de investigação—o inductivo e o deductivo.

No primeiro chega-se á conclusão de uma lei geral pelo apanhado de factos particulares. O segundo é processo inverso em que da noção de uma lei geral se conclue a noção de um facto particular.

Qualquer d'elles é bom. Qualquer d'elles constitue instrumento de conquista do saber humano, ponto está em querer usal-os com acerto, fazer d'elles escolha conforme as circunstancias e occasião, ou

mesmo combinal-os. Nunca se deve advogar o exclusivismo de algum.

Raul Brandão, seguindo a corrente moderna dos estudos em Portugal, emprega o primeiro, isto é, o metodo inductivo. Mas tratandose de um livro como *Farça*, é preciso mudar-lhes o nome e dizer se antes —metodo subjectivo e objectivo.

A subjectivação não attinge em Raul Brandão aquella intensidade e vigor, tambem colorido, indispensaveis em uma obra da grandeza e quillate da *Farça*. Pouco energica. O seu processo é todo objectivo e por isso, por falta d'esta intensidade subjectiva, aquella repetição demasiada de curtas frases e trechos, aliaz de um valor real, com que o autor pretende suprir a fraqueza da visão interna e de que pretende tirar efeito, repetindo, mas a passagem por muito demorada e repetida gasta se, cansa.

Uma sensação prolongada prejudica sempre. E' como o perfume que apenas levemente devemos aspirar, por mais delicado que seja, para se nos tornar agradável e suave. Demasiadamente aspirado converte se em dôr e tortura, enfastia. Assim ainda um trecho de musica, embora belo, mas muito ouvido torna se banal e fatiga. Assim tambem a sensação de certas frases, que apenas se devem dar a cheirar ao leitor, passar-lhe rapidamente pelo nariz, para que seja ele só quem depois prolongue o seu goso demoradamente no fóro intimo e aprecie o seu sabor subjectivo por trabalho proprio. Se o autor o faz perde se. Veja-se a força do sarcasmo e a malicia e o fulgor dos ditos de espirito.

«Il y a dans certain mots que nous employons ordinairement un ressort caché qui tout à coup les ouvre jusqu'au fond, nous les explique dans leur limite exceptionnelle; puis le mot se replie, reprend sa forme banale, usé par l'habitude et machinale.» (Daudet). E' conceito de mestre.

Mercê ainda da causa apontada, por defeito de interiorisação, aquella scena, que para mim devia ser capital e empolgante, em que é revelado ao velho o facto monstruoso do adulterio da mulher e origem impura da filha, não tem a precisa eloquencia. Não arrebatava, não emociona. Não tem a imponencia e brilho que devia ter. Quasi que decorre fria.

E' certo que se sacode em rajadas, violentamente, a convulsão em que o velho tomba depois que a odienta revelação lhe é feita, mas o auctor não nos diz o que foi por dentro aquele transe em que o desgraçado souu afflicção. Não descí á analise psicologica do fenomeno. Que importa que o velho fosse bronco? Deixou por isso de sofrer? A *Farça* afirma que sofreu, mas não apalpa de perto o atroz sofrimento, não o perscruta internamente, e a propria dor que devia ter sido magna, talvez a maior dor humana, passa diluida atravez da procição de S. Nicolau, embora o lance bem interpretado no fim venha a terminar eloquentemente por um acto de turnura, por esse beijo que um pai, a quem se diz que a sua filha não é sua filha, e em cujo peito se formou vacuo, dá na primeira estranha que encontra e lhe pede esmola, no enorme desabamento do seu coração julgando a filha, ainda no sonho da afeição partida.

Então chora! E' um alivio? talvez. E quando cá de borco sobre a terra, a lama da rua, ensopando-se, bebe lhe o ardor da lagrima!

Ainda pelo mesmo motivo, tambem, por vezes o dialogo fraqueja, mas tem pontos de um toqué fino e altamente expressivo.

Avalie se a conversação que a mãe, a *Candidinha*, sustenta com o filho, ao deital o, sentada ao lado d'ele no catre, depois de lhe dar a ultima codea que havia em casa e depois de o cobrir, para o aquecer, com o seu chale esfarrapado. Na maneira como ela filtra no coração do pequeno, palavra por palavra, gota á gota, todo o veneno de odio que inunda o seu coração saciado e vulnerado, ha alguma coisa de morderura da vibora que verte pelo damnhinho denté toda a peçonha que transborda da glandula, e ao

cidade da ave que vela pelo filho implume ainda no ninho, mas a quem já ensina da borda d'esse ninho a bater os cotos e ensaiar os vãos pela imensidade do espaço azul receiosa, porém, dos perigos da queda no abismo.

E mais tarde, quando o Antoninho adoce com o peito despedaçado pela tosse, prestes a morrer, na energia com que ela o anima e galvaniza, sente-se que a sua voz e o seu braço tiveram vigor para sustentar a marcha da Morte.

Vejamos agora a objectivação. Sob este ponto de vista a *Farça* tem paginas que constituem glória e toda a sua grandeza provem da exteriorização. Como na pintura é pelos aspectos e motivos exteriores que o autor incute no animo do leitor a noção subjectiva que pretende. E' exteriorizando que o artista impressiona. A *Farça* é um quadro, é uma tela firmada por autor de renome.

Logo á entrada, na abertura do livro, aquela descrição da vila afogada em agua e mergulhada no banho fluido de nevoa é soberba. E tão superior é o criterio do escritor, tão suprema a sua capacidade tecnica e poder de penetração, tão sensível o seu modo de ver e pesar as coisas com justeza, que na descrição nem mesmo escapa a deformação que os objectos experimentam na nevoa, esbatidos os contornos e confundidos com o espessamento do vapor, avolumando-se como nos polos e campos cobertos de neve se avolumam os corpos por outra causa, pela refração no gelo. Engrandecem.

Mais adiante o trecho da vida de Lisboa é tocante de observação e de verdade. O fundo é aquilo, mas lembra perguntar:

—Ao pintar aquelas figuras do conselheiro e do seu secretario, tão ao natural embora propositadamente alteradas por alguns traços, que modelos vivos e vividos na capital teriam vindo *poisar* em frente do artista n'uma visão interior?

Está-se a ver. . . Ah! Daudet! como me lembro n'este momento de toda a tua ironia e do teu admiravel *Nababo!*

Quasi para o fim a referencia á serra é admiravel, primor de naturalidade e pensamento.

As personagens, em geral, têm grande relêvo e o seu desenho é nitido, firme, de traço correcto. Destacam-se com expressão e viveza. De todas a mais suave, aquela que o autor mais amou e tratou com inspiração, com toques de claridade celestial, é a figura evangelica de Joana, a velha criada, feia, peito raso, repelida e maltratada por todos, cruelmente recebida nas casas onde vai servir, mas sempre boa, generosa, humilde e resignada! Expulsam-na todos. . .

Um dia, porém, essa criatura angelica que ao mundo inteiro, até ás proprias crianças, inspira tédio e repulsão, mas de cujo coração rebentam jorros de ternura e piedade por todos, um dia, essa criatura, ao atravessar a serra, pela primeira vez na sua vida encontra piedade em Alguem. . . Alguem teve dó d'ela! . . . Esse Alguem foi a Montanha, que levára seculos a elaborar no seu regaço o filão de agua e que, quando a sente caída no chão, extenuada, prostrada com a face em terra, labios aridos sobre a rocha arida, abre o seio e rega-lhe a sêde com o fio liquido que amorosamente espreme-lhe na boca!

*«Aquelle fio. . . vinha já do coração do globo com este unico destino: —mitigar a sêde infinita d'aquella creatura desprezada. . .»*

Concepção sublime de caridade! Eis aí Deus na Natureza!

Terminando. Leia o leitor a *Farça* com este criterio! não como um romance em que procure sentimento, mas como um estudo em que procure convicção; considere-a como uma tese psicologica e, consequencia do metodo inductivo que o autor emprega; julgue tudo o que consitue n'ela drama e animização apenas com o valor de corolarios e teoremas que se citam para demonstração; interprete e aparente desordem e surgir abrupto de figuras e motivos como resultado da nda do metodo empregado; tome as passagens que aparecem brus-

cas, sómente com o caracter de comentario, notas e impressões que primeiro se apontam e só depois, estudadas, se formulam em lei geral e se elucidam; em suma olhe para a *Farça* como se olha para uma tela em que o trabalho de subjectivação tem que ser todo de quem a observa—verá então o leitor como na *Farça* tudo se transforma e em tudo acha incanto, simplicidade e ao mesmo tempo grandeza.

Para mim a *Farça* é um belo livro. Razão tinha, pois, em confundir na mesma admiração os nomes laureados de—*Raul Brandão, João Grave e Mayer Garção.*

Faro.

LUDOVICO DE MENEZES.

## EDITAL

### A Camara Municipal de Tavira

FAZ PUBLICO:

QUE até ao dia 16 do proximo mez de novembro, receberá propostas em carta fechada para a arrematação em hasta publica das carnes verdes a consumir n'esta cidade a começar no dia 1 do proximo futuro mez de dezembro, até 30 de novembro de 1905, com as condições que se acham patentes na secretaria d'esta camara em todos os dias uteis das 10 horas da manhã ás 3 da tarde. Cada proponente fará acompanhar a sua proposta do deposito provisorio de 100\$000 réis, que para o arrematante se converterá em definitivo.

Tavira, 26 d'outubro de 1904.  
O vice-presidente da camara,  
*Joaquim Thomaz Pires Corrêa d'Azevedo.* (151)

## EDITAL

Sebastião José Teixeira Neves de Aragão, presidente da Camara Municipal do concelho de Tavira, servindo de administrador d'este dito concelho, por Sua Magestade El-Rei, a quem Deus Guarde.

FAÇO saber, em cumprimento do F'alvará de Sua Excellencia o Senhor Governador Civil d'este distrito, de 17 d'este mez, que, de conformidade com o que se preceitua no artigo 206.º do Codigo Administrativo, em vigor, são convocadas para se reunirem no domingo, 6 do proximo mez de novembro, pelas 9 horas da manhã, as assembleas eleitoraes d'este concelho, afim de, em harmonia com o que se acha estabelecido no artigo 43.º do mesmo Codigo, elegerem a respectiva Camara Municipal, que ha de servir durante o triennio de 1905 a 1907, a contar do dia 2 de janeiro do dito anno de 1905, e, sendo *quatro* as assembleas de que este concelho se compõe, deverão as mesmas reunirem se, nos logares devidamente estabelecidas, a saber:

A 1.ª—Na igreja matriz da freguezia de Santa Maria, composta dos eleitores da mesma freguezia;  
A 2.ª—Na igreja parochial da freguezia de São Thiago, composta dos eleitores d'esta freguezia e dos da commissão;

A 3.ª—Na igreja parochial da freguezia da Luz, constituida pelos eleitores d'esta e dos da freguezia de Santo Estevão;

A 4.ª—Na igreja parochial da freguezia de Santa Catharina, composta dos eleitores d'esta e dos da freguezia de Cachopo.

E para que chegue ao conhecimento de todos se passou o presente e outros d'igual teor, que vão ser affixados, publicados e lidos á missa conventual em cada uma das igrejas parochiaes d'este concelho, como a lei determina.

Tavira, 26 de outubro de 1904.  
*Sebastião José Teixeira Neves d'Aragão.*

### ANNUNCIO

Nº juizo de direito na comarca de Tavira, no cartorio do 1.º officio e pelos autos d'expropriação amigavel em que são expropriante o digno agente do Ministerio Publico, como representante do Estado e expropriados o dr. Joaquim José Lopes e outros adeante indicados, correm editos de dez dias, a contar da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Goyerno», citando to-

dos os interessados incertos que se julguem com direito aos terrenos que se vão indicar, para dentro do prazo dos editos virem deduzir o seu direito do dinheiro em deposito, proveniente da expropriação d'esses terrenos, sob pena de, não o fazendo, ser esse dinheiro entregue aos expropriados e serem considerados livres e desembaraçados para o Estado os terrenos referidos, que são os seguintes:

1.º—4/8 de 1662m<sup>2</sup> de terreno dos sapaes de um moiuho denominado dos «Olheiros», no logar dos Sapaes da Fuzeta, freguezia de Moncarapacho, pertencentes ao dr. Joaquim José Lopes, viuvo, de Lisboa;

2.º—3/8 de 1662m<sup>2</sup> de terreno dos mesmos sapaes, pertencentes a Joso Estevão Affonso e esposa, d'Olhão;

3.º—1/8 de 1662m<sup>2</sup> de terreno dos mesmos sapaes, pertencente a Maria do O' Netto, viuva, da Fuzeta;

4.º—294m<sup>2</sup> de pomar no logar do Arroio, freguezia da Luz, de Tavira, pertencentes a Sebastião Ramalho d'Abreu Macedo Ortigão e esposa, de Tavira;

5.º—132m<sup>2</sup> de casa no Alto do Cano, freguezia de São Thiago, de Tavira, pertencente a Anna da Conceição, viuva, de Faro;

6.º—350m<sup>2</sup> de lavradio e arvores na Pegada, freguezia de Santa Maria, de Tavira, pertencentes ao dr. Matheus Teixeira d'Azevedo e esposa, de Lisboa.

7.º—1:338m<sup>2</sup> de lavradio no logar

de Pesinhos, freguezia de Santa Maria de Tavira, pertencente a João de Mello Pereira de Vasconcellos e esposa, de Lisboa;

8.º—1:921m<sup>2</sup> de terreno de lavradio e 21 arvores, nos suburbios de Tavira, freguezia de Santa Maria, pertencente ao dr. José Ribeiro Castanho e esposa, de Olhão;

9.º—2:989m<sup>2</sup> de lavradio no Morgado, freguezia de Santa Maria, de Tavira, pertencentes a José de Mello Pereira de Vasconcellos e esposa, de Lisboa;

10.º—2:409m<sup>2</sup> de lavradio e 23 arvores no Val de Carangueijos, freguezia de Santa Maria, pertencente a D. Celeste Laura Neves Raphael e outros, de Tavira;

11.º—1:212m<sup>2</sup> de lavradio e 2 arvores, no Val de Carangueijos, freguezia de Santa Maria, pertencentes a Joaquim Alexandre da Fonseca Neves e esposa, de Tavira.

Tavira, 20 d'outubro de 1904.  
Verificado.—*Sousa Godinho.*  
O escrivão,  
*José Joaquim Parreira Faria.*

### Regimento d'infantaria n.º 4

#### ANNUNCIO

Faz publico o conselho administrativo do dito regimento, que no dia 12 de novembro proximo, pelas 12 horas do dia, na secretaria do mesmo conselho, se abrirá novamente concurso publico para o arrendamento da casa onde esteve a sucursal da manutenção militar n'esta

cidade, pelo prazo de 3 annos incompletos, desde a data do contracto definitivo até 30 de junho de 1907.

A base de licitação da renda annual é a quantia de 30\$000.

O arrendatario apresentará um fiador e principal pagador idoneo que se obrigará solidariamente com elle a todas as condições do contracto.

As rostantes condições para este arrendamento estão patentes na secretaria do mesmo conselho, todos os dias não santificados desde as 11 horas da manhã até ás 3 da tarde.

Quartel em Tavira, 27 de outubro de 1904.

O secretario do conselho  
*Manuel de Sousa Coutinho*, alferes de infantaria 4 146

## Grandes Armazens

### de Novidades

#### AU PRINTEMPS

#### PARIS

O catalogo e as amostras dos tãcidos de novidades para a estação de verão são enviados franco de porte a quem os pedir em cartas devidamente franqueadas.

As encomendas e os pedidos de amostras podem ser dirigidos ao agente reexpedidor d'esta casa

*A. VINCENT*  
19, LARGO DE CAMÕES—ROCIO—LISBOA

## Recenseamento do jury commercial da comarca de Tavira para o anno de 1905 organizado segundo as bases do artigo 49 e seguintes do Codigo do Processo Commercial

N.º d'ordem	Nomes	Profissões	Domicilios	Observações
<b>ELEITORES</b> —compreendidos da disposição do artigo 50 do Codigo do Processo Commercial				
1	Antonio de Sousa Ramos . . . . .	Commerciante	Tavira	Commerciante matriculado
2	Francisco André do Rosario . . . . .	»	»	Director de companhia
3	Joaquim Antonio Cypriano . . . . .	»	»	Commerciante matriculado
4	Joaquim Thomaz Pires Corrêa d'Azevedo . . . . .	»	»	»
5	José Maria dos Santos . . . . .	»	»	»
6	José Mathias Vieira . . . . .	»	»	»
7	Luiz José Pedro Villa Lobos Arnedo . . . . .	»	»	Director de companhia
8	Sebastião da Cruz . . . . .	»	»	Commerciante matriculado
9	Dr. Silvestre Falcão . . . . .	»	»	»
<b>ELEGIVEIS</b> —compreendidos na disposição do artigo 51 do Codigo do Processo Commercial				
1	Antonio da Conceição Chaves . . . . .	Proprietario	Tavira	
2	» da Cruz Balté . . . . .	Commerciante	»	
3	» de Sousa Ramos . . . . .	»	»	
4	Carlos José Gomes . . . . .	Proprietario	»	
5	Francisco André do Rosario . . . . .	Commerciante	»	
6	» Antonio das Chagas Franco . . . . .	»	»	
7	» de Paula Bruno . . . . .	Proprietario	»	
8	» Pedro Maldonado Junior . . . . .	Commerciante	»	
9	Jacques Pessoa . . . . .	Proprietario	»	
10	João Gomes Bandeira . . . . .	Commerciante	»	
1	» Pedro Fagundes Senior . . . . .	»	»	
2	» Pedro Vizetto . . . . .	Proprietario	»	
3	João Martins Gimenes . . . . .	Commerciante	»	
4	Joaquim Antonio Cypriano . . . . .	»	»	
5	» Fernandes d'Avellar . . . . .	»	»	
6	» Henrique Vidigal . . . . .	»	»	
7	» Pires Falleiro . . . . .	Proprietario	»	
8	» Thomaz Pires Corrêa d'Azevedo . . . . .	»	»	
9	José Antonio da Silva . . . . .	Commerciante	»	
20	» Falcão de Sousa Pereira de Berredo . . . . .	Proprietario	»	
1	» Gonçalves Palmeira . . . . .	Commerciante	»	
2	» Ignacio das Dores . . . . .	»	»	
3	» Joaquim Peres . . . . .	»	»	
4	» Maria dos Santos . . . . .	»	»	
5	» Mathias Vieira . . . . .	»	»	
6	» Miguel Antonio Marques . . . . .	Proprietario	»	
7	» Pedro Fernandes . . . . .	»	»	
8	» Pires de Jesus . . . . .	»	»	
9	» Rodrigues Pinheiro Centeno . . . . .	Commerciante	»	
30	Justino Augusto Ferreira . . . . .	»	»	
1	Leopoldino Augusto Pires . . . . .	»	»	
2	Luiz Augusto Victor Xavier da Silva . . . . .	Proprietario	»	
3	» José Pedro Villa Lobos Arnedo . . . . .	Commerciante	»	
4	Manoel Baptista Callega Junior . . . . .	»	»	
5	» Ferreira Aboim . . . . .	Proprietario	»	
6	» Luiz Marques . . . . .	Commerciante	»	
7	Sebastião da Cruz . . . . .	»	»	
8	» José da Silva Junior . . . . .	»	»	
9	» José Teixeira Neves d'Aragão . . . . .	Proprietario	»	
40	» Estacio Tello . . . . .	»	»	
1	» Rodrigues Pinheiro Centeno . . . . .	Commerciante	»	
2	Dr. Silvestre Falcão . . . . .	Director de C.ª	»	
3	Theodoro José Raphael . . . . .	Proprietario	»	
4	Theodosio Pires Franco . . . . .	Commerciante	»	

Secretaria do Tribunal do Commercio, 10 d'outubro de 1904.  
Nos termos do artigo 52.º do Codigo do Processo Commercial se extrahiu este mappa do respectivo recenseamento que será affixado á porta do tribunal para os fins do disposto nos artigos 54.º e 55.º do mesmo codigo.

O secretario,

**Antonio Maria Fructuoso da Silva**

**Uma perfeita cura**

A debilidade é o começo d'uma grande serie de doenças e é por isso de summa importancia recuperar força e, se for possível, impedir o mal.

O meio mais rapido e mais seguro de ganhar forças é tomar a Emulsão de Scott, e os que tem experimentado em vão centenaes de remedios, passam do seu maravilhoso effeito.



MADAME MARIA D'ALMEIDA.

14, RUA DE SANTO ILDEFONSO, PORTO, 16 de Novembro de 1901.

Illmos. Srs. De delicada constituição e de lymphatico temperamento padeci frequentes achaques e constipações renitentes pelo mais insignificante descuido, que de cada vez tornavam o meu estado de saúde mais fraco e mais delicado. Era evidente que eu necessitava qualquer tonico ou alimento poderoso para regenerar o sangue e fortificar o organismo. Crendo que a sua bem conhecida e celebre Emulsão de Scott tinha essa propriedade decida, com o consentimento do medico, tomal-a. Passadas algumas semanas os meus nervos sentiamse mais fortes, com o melhor appetite e digeri os meus alimentos admiravelmente. Hoje sinto-me feliz de poder dizer que me acho completamente restabelecida, trabalhando com afam e vivendo contenta.

Sou, etc. (a) MARIA D'ALMEIDA.

A Emulsão de Scott é o oleo de figado de bacalhau n'uma forma saborosa, de facil digestão e tres vezes mais effizaz, como acaba de ser provado pelas experiencias medicas nos Hospitales. Como addição aos elementos curativos — Hypophosphitos de cal e soda — está o oleo de figado de bacalhau incomparavel.

Actualmente o oleo de figado de bacalhau é um remedio alimenticio natural, e não existe no mundo nada que possa egualar ou ultrapassar as suas propriedades nutriendes e curativas, e menos certamente nenhuma d'essas drogas baratas ou oleomineral, que por ahi offercem, em virtude da escassez do artigo genuino. Lembrem-se bem que a Emulsão de Scott é de oleo de figado de bacalhau de Noruega garantido, preparado sabroso e de facil digestão. Pode-se enganar o paladar tomando uma imitação do admiravel remedio-alimento da natureza, mas não é possível enganar o organismo.

Uma imitação da Emulsão de Scott nunca realisarã aquillo que a verdadeira Emulsão de Scott pôde alcançar. Imitações causarão desapontamento tão certo como a genuina Emulsão de Scott ha de curar. Insista-se em obter a verdadeira Emulsão de Scott, e examine-se a marca de fabrica, que representa um pescador com um grande peixe, gravada em um rotulo branco.



Marca registada.

**NOS ACTOS JUDICIAES**

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com sede na rua de S. Mamede, 107, ao largo do Caldas, Lisboa, acaba de editar o decreto de dezembro de 1903, referente ao pagamento de emolumentos, contribuição industrial, sello de recibos, etc., nos actos judiciaes.

Este folheto comprehende tambem os regulamentos das estampilhas fiscaes, e da cobrança dos emolumentos judiciaes e do Ministerio Publico, que constituem receita do Estado, e as portarias de 30 de dezembro de 1903 e 4 de janeiro de 1904, sobre aferições de pesos e medidas e exames para o cargo de aferidor. O seu custo é de 150 réis.

**PUBLICAÇÃO UTIL**

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com sede na rua de S. Mamede, 107, Lisboa, acaba de editar, n'um pequeno volume, a Organização das associações de classe; Fiscalização das augas potaveis; Hospitalização de enfermos no hospital Real de S. José e annexos — Hospital de alienados (Rilhafolles) — Real instituto bacteriologico Camara Pestana — Instituto de ophthalmologia de Lisboa — Hospital de alienados do

Conde de Ferreira (Porto); e as leis sobre syndicatos agricolas e fiscalização das sociedades anonymas, sendo o seu custo 150 réis.

No prelo: Regulamentação do sello fiscal nos lenços de tecido de seda pura ou mixta; e legislação sobre expropriações e arrematações dos fóros da fazenda nacional, e conventos de religiosas.

**LISBOA ANTIGA E LISBOA MODERNA**

Acha-se publicada esta obra, que comprehende tres tomos, em formato grande, a duas columnas typo mado.

Trata, como se vê do titulo, da historia da primeira cidade do reino, desde a sua fundação, bastantes annos antes do vinda de Jesus Christo ao mundo; relação dos acontecimentos historicos de que tem sido theatro; descripção de seus monumentos e curiosidades; lendas e tradições que a acompanham. e emfim uma larga colleção de apontamentos curiosos e dignos de serem conhecidos por quem se interessa pelas cousas patrias.

A obra cuidadosamente elaborada foi respigada dos mais authorisados documentos e escriptos antigos.

Abrange tres tomos e custa apenas 300 réis, ou 100 réis cada tomo.

**PINHEIRO & FILHO**

Commissões e consignações

Corretores de vinhos desde 1875

63, Rua do Miradouro PORTO

Encarrega-se da venda, por amostras ou á consignação, de qualquer quantidade e qualidade de vinho ou aguardente. 143

**Ajudante de pharmacia.**

Precisa-se com 3 annos de pratica e não menos de 15 de idade, na pharmacia Reis, Portimão. 147

**Bleyclette-Simplex.**

Vende-se uma com pouco uso. Quem pretender dirija-se a Carlos de Mendonça, Fabrica de Tecidos—Faro. 148

**Horta.**

Arrenda-se a horta das Freiras, na Atalaya. Quem pretender dirija-se a Maria Candida Baptista, Rua do Rego.—Tavira. (144)

**Propriedade rustica.**

Vende-se uma propriedade no sitio do Alvisquer, freguezia da Conceição de Tavira, constando de sequeiro e regadio com todo arvoredo e vinha, casa de moradia, armazens para adega, ou seleiro, ramada, palheiro e forno. Quem pretender dirija-se ao sr. Antonio da Costa Ascenção, em Faro. 149

**Vende-se.**

Uma morada de casas altas na praça da Lagôa em Tavira, com os numeros 29 e 30 de policia. Quem pertender dirija-se a D. Henriqueta Rita Guerreiro, em Olhão. (134)

**GUANO SUPERPHOSPHATO**

RECONHECIDA a vantagem na applicação d'este Guano pela grande producção que tem dado em certas terras e sem distincção principalmente na sementeira de favas, participamos aos srs. agricultores que temos grande deposito e por egual preço ao de outra qualquer terra do Algarve offercendo assim grande economia nos transportes

**Mathias Peres Rojo & Irmãos**

(137)

**GUIA PRATICO,**

DE

ESCRITURAÇÃO E CONTABILIDADE

Commercial, bancaria, agricola e fabril

Pelo professor e perito commercial

Joaquim H. da Silveira Passos

Diplomado pela Escola do Commercio de Lisboa

ESTÁ em publicação semanal, em fasciculos, esta importante e util obra, destinada a habilitar, sem auxilio d'outros estudos e **sem mestre**, a organizar, seguir ou balancar a escripturação de qualquer casa commercial, bancaria, agricola ou in-

**HOTEL CONTINENTAL**

(O HOTEL DOS ALGARVIOS)

O mais central e um dos melhores e mais baratos hoteis de Lisboa. Frente para o Rocio. Serviço de meza excellente.

**GAMBISTA TESTA**

Cambios, Fundos publicos, Papeis de credito e Loterias

**GRANDE LOTERIA DO NATAL**

EXTRACÇÃO A 22 DE DEZEMBRO

de . . . . .	150:000\$000
de . . . . .	20:000\$000
1 de . . . . .	10:000\$000
1 de . . . . .	4:000\$000
1 de . . . . .	2:000\$000
2 de . . . . .	1:000\$000
10 de . . . . .	400\$000
10 de . . . . .	300\$000
80 de . . . . .	200\$000
538 de . . . . .	100\$000

2 approximações ao premio maior a 750\$000 réis.

2 ditas ao segundo dito a 420\$000 réis.

2 ditas ao terceiro dito a 300\$000 réis.

9 ditas á desena do premio maior a 150\$000 réis.

9 ditas á desena do segundo dito a 150\$000 réis.

9 ditas á desena do terceiro dito a 140\$000 réis.

71 premios a todos os numeros que terminarem na mesma unidade e desena do premio a 140\$000 réis.

Bilhetes, meios, quartos, quintos, decimos e vigesimos.

Fracções de 2\$100, 1\$600, 1\$050, 540, 330, 220, 140 e 60 réis. Desenas: 10 numeros seguidos em fracções de 11\$000, 5\$000, 3\$300, 2\$300, 1\$100 e 600 réis.

Para a provincia e Ultramar accresce o porte do correio

Descontos para revendedores

ESTA CASA compra e vende aos melhores preços do mercado e ás melhores cotações do dia: Papeis de credito, acções e obrigações de Bancos e Companhia e todos os papeis negociaveis em Bolsa.

Fundos publicos: Inscricções de assentamento e de coupon, obrigações de assentamento e coupon internas, obrigações de 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> série externas.

Cambio: Libras, ou portuguez, notas a moedas estrangeiras.

Cheques ou letras á vista ou a 90 dias sobre qualquer praça estrangeira.

Dirigir ao cambista: JOSÉ RODRIGUES TESTA—74, Rua do Arsenal, 78 e 138, Rua dos Capellistas, 140 — LISBOA. (109)

**Venda de propriedade.**

Vende-se uma no sitio de Mont'Agudo, freguezia de Santo Estevão; contendo casa de habitação, oliveiras, alfarrobeiras, amendoeiras, vinha, etc.

Trata-se em Tavira com José Henrique da Cruz, tenente coronel reformado. (133)

**Merccaria.**

Trespasa-se uma bem sortida, bem situada e com boa freguezia.

Trata do trespasse João Pedro Maldonado, junior, rua de S. Lazaro em Tavira. (135)

**Carro de carga**

de besta só, vende-se. Trata-se com D. Loduvina Pacheco Furtado, rua da Corredoura.—Tavira. (121)

**Casa.**

Vende-se uma casa com os compartimentos: sala, casa de jantar, tres quartos, corredor, cosinha dispensa, duas varandas, dois armazens, quintal e poço d'agua doce. Quem pretender dirija-se a José das Dores Frangolho, Largo de S. Sebastião, Atalaya—Tavira. (126)

**Lezirias do Guadiana.**

Vende-se uma decima-sexta parte d'estas lezirias. Quem pretender dirija-se a Mathens Teixeira d'Azevedo, largo da Graça, 82, 1.<sup>o</sup>—Lisboa.

**PROPRIEDADES**

ARRENTA-SE por 3 ou 4 annos, a contar de outubro proximo.

Na freguezia da Conceição

O serro do Tonrinho, no Almargem, que se compõe de terras com figueiral e outro arvoredo e casas de moradia.

Na freguezia de S. Thiago

A propriedade da Callada, que se compõe de terras de sementeira, vinha, figueiras, amendoeiras, alfarrobeiras, oliveiras e outras arvores, com casas de moradia, ramada e palheiro e mais pertences com poço de agua.

A quinta de Galixe, que se compõe de terras de sequeiro e horta, com nora e tanque, vinha, figueiras, amendoeiras, oliveiras e outras arvores, casas de moradia, armazens, ramadas e palheiro e accessorios.

Quem pretender dirija-se a José Maria Parreira. (119)

**Casa.** Vende-se uma casa alta com frentes para a rua da Borda d'Agua d'Asseca e rua d'Asseca, oito compartimentos no 1.<sup>o</sup> andar e dois no 2.<sup>o</sup>, dois baixos, dois terraços, quintal com poço d'agua e cavallariça. Quem pretender deve dirigir-se a Manuel das Dores, morador no mesmo predio. Tavira. (123)

**Vende-se.** Uma sacada de ferro para janella. A. X. Trindade.—Tavira.

**Vende-se** uma propriedade no sitio do Fojo, com terras de semear, amendoeiras, alfarrobeiras, figueiras e vinha. Quem pretender dirija-se a Anna Aragão Pereira, rua dos Ciganos, 17—Tavira. (141)

**Carro de parelha.** Vende-se um podendo servir para bestas ou vaccas. Trata-se com Manoel dos Santos Sutão, sitio do Boraco, Cacella. (118)

**Casas** Vende-se uma terrea, na rua de S. Lazaro n.º 65 de policia, consta de 7 compartimentos e quintal, com porta para a travessa das Figueiras, poço, cabana e palheiro.

Trata-se com José Gomes Corsino.

**Arrenda-se** a horta e sequeiro da propriedade «Fonte Santa», freguezia da Luz. Trata-se com o capitão Ortigão. (113)

**Fatos.** Desde 1\$050 réis. Na grande liquidação de fazendas, Rua Nova Grande, 1. Tavira.

**Courella.** Vendem-se duas no sitio da Foz, tendo ambas figueiras, oliveiras e amendoeiras. Trata-se com Manoel dos Santos Pereira.—Tavira. (93)

**Propriedade.** Continua a arrendar-se uma propriedade rustica no sitio do Poço dos Alamos contendo todo o arvoredo de sequeiro.

Trata-se com A. X. Trindade, em Tavira.

**Vendem-se** 1:500 arrobas de figo para caldeira. Quem pretender dirija-se a João dos Santos Parreira.—Tavira. (139)

**Arrenda-se.** Uma propriedade no sitio do Alvisquer, freguezia da Conceição, com terras de semiar, alfarrobeiras, oliveiras, figueiras e vinha quem pertender dirija-se a sua dona Maria do Rosario Fonseca, alto de S. Braz.—Tavira. (136)

**Vende-se** uma morada de casas na rua do Poço da Pomba (altas). Quem pretender deve dirigir-se a Joaquim Antonio Cypriano ou a Romão mão Antonio Vaz.—Tavira. (102)

**Orgão.** Vende-se um (pequeno). Quem pretender dirija-se a esta redacção. (101)



**BAGA** de sabgueiro para dar cor ao vinho, importada directamente da Regoa, nova colheita, 1.<sup>a</sup> qualidade, vende

JUSTINO A. FERREIRA TAVIRA 128

**Officina de canteiro e esculptura**

DE

JOSÉ MARIA PAULINO FERNANDES

Encarrega-se de todo o trabalho pertencente á sua industria;

jazigos, campas, ornamentos, espelhos, banheiras, bancadas, marmores para moveis, etc.

LARGO DO CARMO

(5872) Faro

**FAZENDAS PARA FATO**

F. A. GOMES

20—RUA NOVA GRANDE—20 TAVIRA

GRANDE sortimento de fazendas para todas as estações, bonitos cortes de calças e collates de phantasia, gabões d'Aveiro e capas.

PREÇOS BARATISSIMOS